

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE GOIÁS – UNIGOIÁS
COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

THALEESA RODRIGUES SILVA

ORIENTADORA: DRA. GIOVANNA ADRIANA TAVARES GOMES

O REAL QUE PERSISTE: FOTOGRAFIA TRADICIONAL COMO NARRATIVA
AUTÊNTICA NA ERA DA IA

GOIÂNIA
2025

THALEESA RODRIGUES SILVA

**O REAL QUE PERSISTE: FOTOGRAFIA TRADICIONAL COMO NARRATIVA
AUTÊNTICA NA ERA DA IA**

Estudo de Caso apresentado como requisito parcial
para a disciplina Estudo de Caso em Comunicação,
do Curso de Comunicação Social – Publicidade e
Propaganda do Centro Universitário de Goiás –
UniGoiás
Orientadora: Dra. Giovanna Adriana Tavares
Gomes

GOIÂNIA

2025

Dedico este trabalho aos nossos familiares e amigos que nos apoiaram durante este percurso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, de forma especial, à professora Giovanna Tavares, minha orientadora, pela dedicação, paciência e pelas valiosas orientações ao longo de todo o desenvolvimento deste trabalho. Sua experiência e rigor acadêmico foram fundamentais para a construção de uma pesquisa consistente e de qualidade.

Registro, igualmente, meu reconhecimento ao Centro Universitário de Goiás – UniGoiás, pela estrutura, apoio institucional e ambiente favorável ao aprendizado e à produção científica.

Agradeço, ainda, aos colegas que caminharam comigo na construção de nossas trajetórias em Marketing, pela parceria, incentivo e aprendizado coletivo. Minha gratidão também a todos que colaboraram direta ou indiretamente para este trabalho—seja com dados, ideias, leituras ou palavras de apoio—cujas contribuições foram decisivas para o resultado alcançado.

RESUMO EXECUTIVO

Apresenta-se um estudo sobre a relevância da fotografia tradicional frente à expansão das imagens geradas por inteligência artificial, situado no campo da comunicação visual e das transformações tecnológicas da imagem. Objetiva-se analisar os fatores que mantêm a fotografia de retratos, ensaios e eventos como recurso estético e narrativo autêntico, enfatizando marcas de presença, emoção e construção simbólica que a diferenciam da síntese algorítmica. Adota-se abordagem qualitativa e descritivo-exploratória, com levantamento bibliográfico e pesquisa empírica por meio de dois questionários on-line (Google Forms): um dirigido ao público geral no Brasil (n=36) e outro a fotógrafos atuantes, sobretudo, na Região Centro-Oeste (n=31). Procede-se a estatística descritiva das questões fechadas e análise temática das respostas abertas, com triangulação teórico-analítica a partir de Barthes, Sontag, Flusser, Benjamin, Manovich, Fontcuberta, Merleau-Ponty, Dubois e Azoulay. Entre o público, observa-se alto engajamento com conteúdos fotográficos nas redes (52,8% frequentemente; 44,4% às vezes) e ampla exposição a imagens de IA (97,2%), mas forte demanda por transparência de autoria/origem (80,6% consideram essencial). A preferência por ensaio com fotógrafo é unânime (100%), e os atributos mais valorizados em fotos reais são emoção (63,9%) e naturalidade das expressões (58,3%); a maioria entende que a IA não transmite emoção na mesma medida (55,6%) ou apenas parcialmente (38,9%). Quanto à perenidade do campo, 72,2% acreditam que a fotografia tradicional seguirá valorizada. Do lado profissional, predomina experiência consolidada (80,6% com ≥ 4 anos), com atuação majoritária em eventos sociais; a IA é utilizada de modo complementar (41,9% às vezes; 25,8% raramente) e a fotografia tradicional é tida como insubstituível por 71,0%. Os diferenciais da captura real concentram-se em “emoção e autenticidade” e no “registro de momentos reais” (ambos com 61,3%), além do olhar criativo e da interação com o cliente; apenas 16,1% temem substituição por IA. Conclui-se que a fotografia tradicional preserva valor estético, simbólico e cultural por ancorar-se em co-presença, direção e contrato relacional de responsabilidade, oferecendo “fidelidade experiencial” que a síntese técnica ainda não reproduz de modo equivalente. Os achados contribuem para a reflexão crítica em fotografia, publicidade e artes visuais, sustentando políticas de transparência autoral e práticas profissionais que integrem tecnologia sem abdicar da agência humana e da ética do encontro.

Palavras-Chave: Fotografia tradicional; inteligência artificial; autenticidade; emoção; retratos e eventos.

1 INTRODUÇÃO

A expansão das imagens geradas por inteligência artificial (IA) recoloca em debate a relevância da fotografia tradicional no ecossistema contemporâneo da comunicação visual. Em um cenário marcado pela automatização de processos criativos e pela crescente verossimilhança de imagens sintéticas, torna-se essencial discutir o que distingue a captura fotográfica de eventos e ensaios enquanto linguagem ancorada na experiência vivida. Mais do que registrar aparências, a fotografia tradicional envolve interação humana, negociação de sentidos entre fotógrafo e fotografado e a inscrição de um instante no tempo — dimensões estéticas e simbólicas que sustentam sua potência narrativa.

A presença da IA na geração de imagens suscita questões de ordem estética, técnica e ética: autoria e traço autoral, autenticidade e vínculo com o real, emoção e empatia, além de usos e expectativas sociais sobre o que “conta” como memória. Se, por um lado, algoritmos podem compor cenas complexas e estilisticamente sofisticadas, por outro, a fotografia tradicional preserva atributos que emergem do encontro: direção de cena, leitura de contexto, afeto, espontaneidade e microexpressões que configuram o sentido do retrato e do evento. Em ensaios e fotografias de pessoas, esses elementos tornam-se decisivos para a construção de narrativas visuais críveis, afetivas e socialmente significativas.

Justifica-se, assim, o presente estudo: compreender por que e como a imagem produzida por dispositivos ópticos, mediada pelo olhar profissional, mantém valor estético, simbólico e cultural em meio à sofisticação técnica da IA. Em vez de operar uma oposição simplista entre “humano” e “artificial”, a pesquisa investiga quais características específicas da captura real sustentam sua legitimidade como linguagem — especialmente em contextos nos quais autenticidade, memória e vínculo emocional são centrais (ensaios, retratos e eventos).

O objetivo geral consiste em analisar os fatores que asseguram a permanência da fotografia tradicional de ensaios e retratos como linguagem visual genuína frente às imagens produzidas por IA. Desdobram-se quatro objetivos específicos: 1) Identificar os elementos estéticos e sensoriais distintivos da fotografia tradicional (direção, espontaneidade, microexpressões, vínculo com o real); 2) compreender o papel da memória, da emoção e da interação fotógrafo–fotografado na recepção de imagens oriundas de situações reais; e, 3) analisar percepções de fotógrafos atuantes na região Centro-Oeste e do público em geral sobre os diferenciais da captura real, discutindo implicações culturais e artísticas no ambiente imagético contemporâneo.

Metodologicamente, adota-se abordagem qualitativa, combinando revisão bibliográfica com aplicação de questionários estruturados a dois públicos: fotógrafos profissionais e público em geral. A estratégia visa articular dimensões técnicas e sensíveis do fazer fotográfico com percepções de recepção, permitindo identificar convergências e tensões entre prática e audiência. A análise dos dados contempla exploração descritiva e leitura interpretativa, orientada pelos objetivos do estudo e pelo referencial teórico.

A estrutura do trabalho organiza-se da seguinte forma: após esta introdução, o Capítulo 2 apresenta a fundamentação teórica, situando fotografia como linguagem, discutindo autenticidade, autoria e emoção na imagem, e contextualizando os impactos da IA na cultura visual. O Capítulo 3 detalha a metodologia, os instrumentos de coleta e os procedimentos de análise. O Capítulo 4 reúne a análise dos achados empíricos, triangulando-os com a literatura para explicitar os elementos que distinguem a captura real. Por fim, o Capítulo 5 traz as considerações finais, retomando os objetivos, destacando implicações práticas para fotógrafos e agentes do mercado visual, bem como sugestões para estudos futuros. Com isso, o trabalho contribui para o debate sobre autenticidade, tecnologia e narrativa na comunicação visual, evidenciando o lugar singular da fotografia tradicional em tempos de imagens algorítmicas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente fundamentação articula aportes clássicos e contemporâneos para sustentar a análise da fotografia tradicional frente à expansão das imagens geradas por inteligência artificial (IA). Organiza-se em cinco eixos: a) autenticidade, memória e emoção; b) reprodutibilidade técnica e linguagem fotográfica; c) digitalização, “pós-fotografia” e IA; d) percepção, experiência e recepção; e) autoria, ética e valor cultural..

2.1 Autenticidade, memória e emoção

A autenticidade fotográfica não se reduz a uma propriedade técnica do dispositivo; ela emerge de uma relação triádica entre referente, operador e espectador. Em Barthes (1984), a força de evidência da fotografia assenta-se no vínculo ontológico com o real — o célebre “isto foi” — que ancora sua potência afetiva e distingue a imagem fotográfica de outras formas de representação. Essa ancoragem não elimina a interpretação, mas a situa: toda fotografia é, simultaneamente, índice de um acontecimento e construção de sentido, articulada nos registros do studium (cultural, legível) e do punctum (afetivo, ferida) (BARTHES, 1984).

Sob a perspectiva social, a imagem fotográfica opera como dispositivo de memória e de identidade. Sontag (2004) argumenta que fotografar implica eleger, recortar e hierarquizar o mundo, convertendo a imagem em “certidão” de experiências e em repertório compartilhado de lembranças. A fotografia, assim, não apenas preserva o passado: ela o organiza e o torna comunicável, enquadrando o que merece ser lembrado e de que modo será lembrado (SONTAG, 2004).

A memória acionada pela fotografia é tanto individual quanto coletiva. Halbwachs (1990) esclarece que lembrar é um ato socialmente moldado por quadros de referência; nesse sentido, álbuns, retratos e ensaios funcionam como suportes materiais de memórias enquadradas por família, ritos e instituições. Hirsch (1997), ao tratar dos “quadros de família”, mostra que o retrato não é mero espelho do real, mas uma prática de construção de pertencimento, em que poses, gestos e cenários codificam afetos e posições sociais.

Em gêneros como retratos e ensaios, a autenticidade percebida decorre da copresença e da direção sensível. A emoção não é um “acidente expressivo”, mas um efeito relacional de timing, escuta e confiança entre fotógrafo e fotografado. Merleau-Ponty (2004) lembra que a percepção é encarnada: ver é um modo de habitar o mundo com o corpo; por isso, microexpressões, olhares e ínfimas variações gestuais — decisivas para o punctum — são inseparáveis da situação concreta do encontro.

A dimensão ética dessa relação amplia a questão da autenticidade. Para Azoulay (2008), a fotografia institui um “contrato civil” entre quem fotografa, quem é fotografado e quem vê: autenticidade não se limita ao “ter acontecido”, envolve também responsabilidade, consentimento e condições de circulação. Nessa chave, o valor emocional da fotografia tradicional deriva do evento compartilhado — um acontecimento que vincula sujeitos em uma cena e funda obrigações mútuas (AZOULAY, 2008).

Por fim, ainda que a digitalização e os atuais sistemas de IA embaralhem marcadores de indexicalidade, eles não anulam a gramática afetiva que sustenta retratos e ensaios. Fontcuberta (2016) descreve a “pós-fotografia” como um regime de imagens autônomas do referente; exatamente por isso, o apelo de fotografias ancoradas em copresença e vínculo permanece distintivo: nelas, o studium cultural encontra um punctum que remete a um encontro vivido, produzindo aquela mistura de evidência e emoção que Barthes (1984) e Sontag (2004) tomam como núcleo da experiência fotográfica.

2.2 Reprodutibilidade técnica e linguagem fotográfica

A reprodutibilidade técnica, tal como formulada por Benjamin, não extingue a autenticidade: desloca-a. Ao “libertar” a obra de seu aqui-e-agora, a técnica multiplica contextos de circulação e usos sociais da imagem, convertendo a aura de unicidade em regimes de recepção e de citação (BENJAMIN, 1987). Nessa chave, a autenticidade deixa de ser atributo intrínseco do objeto para tornar-se efeito de práticas (produção, edição, curadoria), instituições (museus, plataformas) e públicos (mediações críticas), isto é, um resultado histórico situado.

Flusser aprofunda o problema ao conceber a câmera como “aparelho” programado, cujos parâmetros condicionam — mas não determinam — o gesto fotográfico (FLUSSER, 1985). O programa define horizontes de possibilidades (ex.: automações de foco/exposição, perfis de cor, algoritmos de nitidez), enquanto a decisão, o olhar e a intenção do fotógrafo operam como contrapeso humano ao automatismo técnico. A linguagem fotográfica, assim, emerge da tensão entre um sistema de regras (o aparelho) e a invenção que as dobra ou explora.

Nesse cenário, técnica e linguagem não se opõem: a primeira expande, mas também desafia, a segunda. A cada inovação — do negativo ao RAW, do laboratório químico ao workflow digital — reconfiguram-se convenções de verossimilhança, critérios de prova e gramáticas expressivas (RITCHIN, 2009). Longe de um “fim” da fotografia, a reprodutibilidade inaugura novas camadas de autoria (captura, pós-produção, difusão), pedindo transparência de processos e alfabetização visual para a leitura crítica das imagens.

A passagem ao digital amplia o argumento benjaminiano. Ao tornar a imagem computável e infinitamente editável, a fotografia entra num regime de “softwarização” em que filtros, presets e modelos algorítmicos participam da própria escrita da cena (MANOVICH, 2013). A indexicalidade continua possível, mas passa a conviver com sínteses e simulações; por isso, a autenticidade tende a ser reivindicada menos como essência ontológica e mais como accountability processual (metadados, declarações de edição, contextos de produção).

Ainda, expansão contemporânea dos circuitos de circulação — redes sociais, bancos de imagens, plataformas de IA — intensifica a “política da reprodutibilidade”: o sentido social da fotografia depende hoje tanto de seu modo de fazer quanto de seu modo de circular (KRAUSS, 1990; FONTCUBERTA, 2016). A linguagem fotográfica permanece, portanto, um campo de práticas onde o aparato técnico, a intencionalidade autoral e a curadoria pública co-produzem valor estético, documental e ético (BENJAMIN, 1987; FLUSSER, 1985).

2.3 Abordagens e Modelos Teóricos

A virada digital reconfigura a própria ontologia da imagem ao deslocar o eixo da captura óptica para a computação de dados. Em vez de “tomadas” do real, as imagens passam a ser “construções” parametrizadas — pipeline de aquisição, codificação, processamento e renderização — em que a matriz algorítmica participa ativamente da forma final (MANOVICH, 2001). Com isso, noções clássicas de originalidade, indicialidade e evidência tornam-se contingentes aos procedimentos técnicos e às convenções de workflow, pedindo que a autenticidade seja compreendida como resultado de práticas verificáveis, e não como essência do suporte.

Nesse cenário, Fontcuberta (2016) propõe a “pós-fotografia” como regime cultural em que produção, circulação e consumo de imagens autonomizam-se do referente: fotografias são menos “janelas” e mais “interfaces” entre bancos de dados, plataformas e redes. A consequência é dupla: amplia-se exponencialmente a capacidade de simulação (do retouch banal à manipulação profunda), e complexificam-se as condições de leitura pública, pois a verossimilhança pode prescindir do acontecimento que a legitimava.

A inteligência artificial intensifica esse movimento em dois níveis. No nível incremental, modelos de denoise, super-resolution e style transfer reescrevem o “real” com plausibilidade estatística, alterando textura, luz e cor segundo padrões aprendidos (RITCHIN, 2009). No nível generativo, difusão e transformers produzem imagens ex nihilo, aproximando forma e aparência do real sem compartilhar sua experiência — isto é, sem a co-presença, o encontro e o risco inerentes ao ato fotográfico (FONTCUBERTA, 2016). A questão central deixa de ser

a fidelidade óptica e passa a ser a fidelidade experiencial: que marcas do acontecimento sobrevivem quando a imagem prescinde do mundo?

Esse deslocamento tem implicações epistemológicas e éticas. Epistemologicamente, a prova fotográfica exige novas garantias procedimentais (metadados, trilhas de edição, selos de proveniência), pois o “parecer” verdadeiro já não assegura relação causal com o referente (FARID, 2019). Eticamente, a estetização algorítmica pode homogeneizar rostos e afetos, produzindo um “real plausível” que obscurece singularidade, contexto e dissenso — precisamente os elementos que, nos retratos e ensaios, ancoram memória, identidade e vínculo.

Deste modo, a digitalização e a IA não “eliminam” a fotografia, mas deslocam seus critérios de verdade e valor: a autenticidade migra do domínio do índice para o da responsabilidade autoral e da transparência técnica. Para práticas centradas em pessoas — como retratos e eventos —, isso reforça a distinção entre imagem verossímil e experiência compartilhada: enquanto a primeira pode ser sintetizada, a segunda continua dependente do encontro, da direção e da presença que a captura real inscreve (MANOVICH, 2001; FONTCUBERTA, 2016; RITCHIN, 2009)..

2.4 Pesquisas Recentes e Tendências

A compreensão do valor da fotografia tradicional exige inserir a imagem no horizonte da fenomenologia da percepção. Em Merleau-Ponty (2004), ver não é um ato puramente ótico, mas um modo de estar-no-mundo: a corporeidade, a situação e a intercorporeidade configuram o campo de sentido. Nessa perspectiva, retratos e ensaios não são apenas artefatos visuais; são eventos encarnados, nos quais presença, distância, ritmo e afeto modulam aquilo que a câmera pode inscrever (MERLEAU-PONTY, 2004).

Sob esse ângulo, a co-presença entre fotógrafo e fotografado opera como matriz expressiva específica. Microexpressões, hesitações, gestualidade e timing emergem de uma relação contingente, negociada no instante, e por isso dificilmente se deixam reduzir a parâmetros estáveis de síntese algorítmica. O resultado perceptivo—olhares que se encontram, silêncios, risos contidos—é menos “efeito técnico” e mais “efeito relacional”, dependente da cena compartilhada (MERLEAU-PONTY, 2004; SONTAG, 2004).

Em chave semiótica, a fotografia se apresenta como signo estratificado cuja leitura depende de convenções, repertórios e contextos de circulação. Dubois (2012) ressalta que a imagem fotográfica articula diferentes camadas — do referencial ao simbólico — e que sua inteligibilidade é sempre situada. Assim, o sentido do retrato não se esgota na semelhança;

ele se constrói no encontro entre intenção enunciativa, dispositivo técnico e horizonte cultural do observador (DUBOIS, 2012).

Essa recepção situada explica por que certas imagens “tocam” mais do que outras. Em Barthes (1984), a dialética *studium/punctum* nomeia exatamente essa assimetria afetiva: há elementos culturalmente compartilháveis, mas há também ferimentos singulares de sentido que não se deixam antecipar. Em retratos e ensaios, tais ferimentos costumam nascer de marcas do acontecimento — um brilho no olho, um gesto interrompido — cuja ocorrência depende da presença e do risco do encontro (BARTHES, 1984).

Do ponto de vista da memória social, a fotografia tradicional opera como dispositivo de lembrança ancorado em uma experiência vivida. Sontag (2004) enfatiza que fotografar implica escolher e interpretar; por isso, a imagem que retorna ao espectador carrega não apenas um “tema”, mas um modo de relação com o mundo. Quando há co-presença, o arquivo visual preserva também traços dessa relação — direção, confiança, vulnerabilidade —, o que robustece sua potência memorial (SONTAG, 2004).

A fenomenologia da percepção e a semiótica da imagem convergem para um ponto analítico: a autenticidade percebida em retratos e ensaios é menos um atributo essencial do suporte e mais um efeito de práticas situadas de produção e recepção. A IA pode aproximar aparências, mas a fidelidade experiencial — isto é, as marcas do acontecimento, do encontro e da relação — depende da copresença e da negociação sensível entre sujeitos. É nessa zona relacional que a fotografia tradicional mantém vantagem distintiva (MERLEAU-PONTY, 2004; DUBOIS, 2012; BARTHES, 1984; SONTAG, 2004).

2.5 Autoria, ética e valor cultural

A expansão da IA embaralha marcadores clássicos de autoria — intenção, gesto e presença — e desloca o debate para o “contrato civil” que vincula imagem e sociedade. Nessa perspectiva, a fotografia configura um espaço de responsabilidade compartilhada entre quem fotografa, quem é fotografado e quem vê, implicando deveres recíprocos de cuidado, consentimento e contextualização (AZOULAY, 2008). Em retratos e eventos, tal contrato exige transparência sobre meios de produção (captura, edição, síntese), finalidades de uso e expectativas de leitura — parâmetros éticos que ganham centralidade quando a verossimilhança técnica já não discrimina, por si só, o real do simulado. Do ponto de vista cultural, a fotografia de pessoas opera como rito de memória e reconhecimento: sua legitimidade não se esgota na “prova” visual, mas emerge do processo relacional que a produz (direção, confiança, coautoria simbólica) e do horizonte comunitário que a acolhe, preserva e reinscreve (BARTHES, 1984; SONTAG, 2004). Assim, mesmo em ecossistemas híbridos, a

autenticidade percebida permanece ancorada na ética do encontro e na governança social da imagem, mais do que na mera aderência ótica ao referente (FLUSSER, 1985; FONTCUBERTA, 2016).

Em termos de governança prática, a expansão de imagens sintéticas torna indispensável instituir camadas explícitas de proveniência e contextualização — contratos de cessão informada, registros de processo (metadados de captura/edição), etiquetas de síntese e notas curatoriais que descrevam grau de intervenção técnica. Tais instrumentos não “garantem” autenticidade por si, mas realocizam a confiança no circuito social da imagem, tornando verificáveis as condições de produção e circulação (FONTCUBERTA, 2016; FLUSSER, 1985). Em chave manovichiana, se a visualidade contemporânea é cada vez mais “construída por dados” (MANOVICH, 2001), a responsabilidade desloca-se do fetiche da aparência para protocolos de transparência que permitam ao público distinguir usos ficcionais, híbridos e documentais — preservando expectativas de leitura e evitando colapsos de sentido (SONTAG, 2004).

Há também um vértice institucional e comunitário: arquivos, museus, coletivos e famílias produzem e ressignificam fotografias como ritos de memória e reconhecimento. Nesses contextos, a legitimidade da imagem provém menos da aderência ótica ao referente e mais do processo relacional que a origina e da rede de cuidados que a conserva (AZOULAY, 2008; BARTHES, 1984). A fotografia de eventos e retratos, portanto, mantém valor cultural não por disputar realismo com sínteses algorítmicas, mas por ancorar vínculos, trajetórias e pertencas em regimes de coautoria e responsabilidade compartilhada. Mesmo em ecossistemas híbridos, a autenticidade percebida continua indexada à ética do encontro e à curadoria social da imagem — e não apenas à sua verossimilhança técnica (FONTCUBERTA, 2016; FLUSSER, 1985).

2.6 Aplicações Práticas e Relevância para o Estudo

Do ponto de vista profissional (fotógrafos/as de retratos, ensaios e eventos), os achados orientam protocolos de trabalho que reforcem autenticidade e confiança: direção relacional, explicitação de escolhas estéticas e transparência sobre o fluxo de produção (captura, edição e eventuais elementos sintéticos). Em termos operacionais, recomenda-se incorporar metadados de proveniência e notas de processo no delivery (álbuns, galerias online), para realocar a confiança do cliente na “marca do encontro” e não apenas na aparência técnica da imagem (FLUSSER, 1985, p. 16; FONTCUBERTA, 2016, p. 24). A ênfase recai na preservação do punctum — o gesto, a microexpressão, o instante vivido — enquanto diferencial competitivo difícil de replicar por síntese (BARTHES, 1984, p. 115).

Para marcas, agências e comunicadores, a implicação central é distinguir regimes de uso: quando a finalidade é documental, memorial ou de prova social, recomenda-se privilegiar captura real com camadas de contexto; quando a finalidade é ficcional/ilustrativa, a síntese pode ser empregada, etiquetada e enquadrada como tal. Essa governança evita o “colapso de leitura” em ecossistemas saturados de verossimilhanças (SONTAG, 2004, p. 14; MANOVICH, 2001, p. 180). Em termos de branding, estratégias que integram processos visíveis (making-of, bastidores, declarações de autoria) tendem a gerar valor simbólico adicional porque ativam crenças de presença, risco e compromisso, atributos culturais que a imagem sintética não aciona com igual potência.

No âmbito ético-jurídico e institucional (escolas, museus, arquivos, coletivos), o estudo recomenda adoção de contratos de imagem e políticas de curadoria que informem grau de intervenção técnica, escopo de uso e direitos de revogação/anonimização, alinhando expectativa pública e função social da fotografia. Tais práticas convergem com a noção de “contrato civil da fotografia”, que distribui responsabilidades entre quem fotografa, quem é fotografado e quem vê (AZOULAY, 2008, p. 14). Em acervos e exposições, fichas técnicas devem explicitar meios de produção (captura, manipulação, síntese), preservando a inteligibilidade histórica da peça e sua inserção comunitária.

Na política de comunicação pública e saúde informacional, a demarcação entre captura e síntese colabora para alfabetização midiática e mitigação de desinformação visual. Programas educativos podem articular três eixos: (i) leitura crítica de imagens (semiótica e contexto), (ii) reconhecimento de indícios de manipulação e (iii) compreensão do valor cultural do registro vivencial (DUBOIS, 2012, p. 31; MERLEAU-PONTY, 2004, p. 16). Em termos de regulação leve (soft law), recomenda-se fomentar padrões setoriais de rotulagem de IA generativa e boas práticas de transparência.

No plano metodológico e acadêmico, os resultados reforçam a pertinência de abordagens mistas e situadas: análises fenomenológicas da experiência (encontro, direção, afeto) combinadas com auditoria técnica de fluxos (metadados, versão de arquivo) e com estudos de recepção, permitindo mensurar fidelidade experiencial — não apenas fidelidade ótica (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 16; MANOVICH, 2001, p. 180). Para pesquisas futuras, sugere-se operacionalizar indicadores de “presença percebida” e “valor de memória” em séries comparativas entre imagens capturadas e sintetizadas.

Por fim, a relevância social do estudo reside em recolocar a fotografia tradicional como prática cultural de vínculo — uma tecnologia de presença que articula memória, identidade e reconhecimento. Em um ecossistema “pós-fotográfico”, no qual a aparência pode ser infinitamente reprodutível (BENJAMIN, 1987, p. 170-171), os achados indicam que a

legitimidade simbólica da imagem permanece ancorada no processo relacional e nos protocolos de transparência que o tornam legível. Em síntese: não se trata de opor técnica a linguagem, mas de governar a técnica para que a linguagem — o encontro que “foi” — continue socialmente inteligível e eticamente responsável (FLUSSER, 1985, p. 16; FONTCUBERTA, 2016, p. 24).

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta pesquisa foi delineada para assegurar coerência entre problema, objetivos e procedimentos analíticos, investigando em que medida e por quais razões a fotografia tradicional de retratos, ensaios e eventos conserva relevância estética, narrativa e sociocultural em um ecossistema visual permeado por imagens sintéticas produzidas por IA.

3.1 Tipo de Pesquisa

Trata-se de um estudo de caso com abordagem qualitativa, de caráter exploratório-descritivo. A natureza exploratória permite refinar o problema e mapear categorias de análise emergentes; o componente descritivo oferece um retrato sistemático de percepções e práticas de dois públicos-chave (consumidores de imagens e fotógrafos profissionais). A ênfase qualitativa justifica-se pela centralidade de construtos como autenticidade percebida, emoção e valor de memória, que exigem interpretação contextual (GIL, 2019; MINAYO, 2017; GODOY, 1995).

3.2 Técnicas de Coleta de Dados

A coleta ocorreu por meio de dois questionários estruturados, administrados on-line via Google Forms, de forma remota e individual, entre setembro e outubro de 2025. O Instrumento A (público em geral) reuniu 11 questões — predominantemente de múltipla escolha e escala ordinal, além de 1 questão aberta — para aferir percepções sobre autenticidade, emoção, valor simbólico e preferências entre imagens capturadas e sintetizadas. O Instrumento B (fotógrafos profissionais) trouxe 10 questões — múltipla escolha, escala ordinal e 2 abertas — voltadas a mapear práticas, uso pontual de IA (edição/síntese), percepções de autoria e emoção, expectativas de futuro e diferenciais competitivos da captura real.

Ambos os formulários incluíram um termo de informação conciso, indicando finalidade exclusivamente acadêmica, participação voluntária, direito de desistência a qualquer tempo, anonimato, não coleta de dados sensíveis e armazenamento em repositório privado do pesquisador, em conformidade com boas práticas e com a LGPD. Não houve incentivo material.

O desenho dos instrumentos privilegiou linguagem clara e neutra, ordenação do geral ao específico e opções exaustivas e mutuamente exclusivas (com campo “outros” quando pertinente). Empregaram-se escalas Likert de 5 pontos para mensurar a intensidade de

concordância/discordância em juízos de valor (por exemplo, pressão performativa, percepção de luxo/status, autenticidade) e itens abertos para captar justificativas e nuances ligadas a emoção, direção e à relação fotógrafo–fotografado — elementos essenciais ao objetivo analítico do estud.

3.3 Universo e Amostra

A pesquisa abrange dois universos complementares: o público em geral, composto por residentes no Brasil usuários de redes sociais com contato regular com conteúdos fotográficos e/ou de bem-estar, e fotógrafos atuantes sobretudo na Região Centro-Oeste, com experiência em retratos, ensaios e eventos (incluindo fotojornalismo e fotografia comercial). Ao todo, obtiveram-se 36 respostas do público e 31 de profissionais, recrutadas por conveniência e bola-de-neve digital (compartilhamentos em redes e contatos). Foram adotados como critérios de inclusão ter 18 anos ou mais e aceitar o termo de informação, no caso do público, e exercer atividade fotográfica remunerada há pelo menos seis meses, com aceite do termo, no caso dos fotógrafos.

A opção por uma amostragem não probabilística visa à analiticidade — isto é, ao aprofundamento e ao contraste de perspectivas entre recepção/consumo (público) e produção/autoria (profissionais), favorecendo a triangulação por fontes e a robustez interpretativa esperada em estudos qualitativos. Para mitigar vieses, buscou-se diversificar a divulgação (reduzindo auto-seleção), assegurar anonimato e a ausência de “respostas corretas” (minimizando desejabilidade social) e utilizar convites segmentados com links distintos para evitar sobreposição entre os dois estratos.

3.4 Justificativa dos Métodos

A adoção da dupla lente — público e fotógrafos — é coerente com o objeto porque articula recepção (emoção, autenticidade, memória, preferências) e produção (práticas, direção, autoria e uso instrumental de IA), permitindo triangulação entre valores percebidos e decisões profissionais.

O questionário on-line foi escolhido por combinar alcance, padronização e custo-efetividade na captura de traços atitudinais e comparações (captura vs. síntese) em curto prazo; as questões abertas agregam densidade interpretativa, gerando material textual para análise qualitativa e identificação de sentidos, justificativas e nuances que os itens fechados não alcançam.

O recorte Centro-Oeste ancora a pesquisa em um contexto sociocultural específico (mercado regional de retratos/ensaios/eventos), produzindo inferências situadas e coerentes com debates contemporâneos sobre autenticidade e relação fotógrafo–fotografado.

Opta-se por estudo de caso por responder ao “como” e “por que” a fotografia tradicional preserva valor simbólico num ecossistema pós-fotográfico, integrando literatura (autenticidade, autoria, percepção e ética), dados empíricos e práxis profissional. Para validade e confiabilidade, empregou-se vocabulário neutro, ordem do geral ao específico, escalas Likert padronizadas e convites segmentados por estrato (evitando sobreposição); asseguraram-se anonimato, participação voluntária e informação clara de finalidade acadêmica, em consonância com boas práticas e LGPD.

Reconhecem-se limites inerentes ao autorrelato e à amostragem não probabilística (conveniência/bola-de-neve); eles são mitigados pela complementaridade de fontes (público x profissionais) e pelo foco analítico-interpretativo próprio de estudos qualitativos.

3.5 Procedimentos de Análise de Dados

As respostas foram exportadas em CSV e passaram por um fluxo de limpeza que incluiu verificação de duplicatas, checagem de consistência, tratamento de ausências, normalização das escalas ordinais para 1–5 e codificação das variáveis categóricas; os textos das perguntas abertas foram organizados em planilha própria, preservando o vínculo ao estrato (público ou fotógrafos) e metadados mínimos sem identificação pessoal.

A análise quantitativa concentrou-se em estatística descritiva—frequências, médias e dispersão—para mapear preferências entre captura e síntese e a importância atribuída a emoção, naturalidade, técnica e direção, seguida de leitura contrastiva entre grupos a fim de evidenciar convergências (como a centralidade de autenticidade e emoção) e dissonâncias (como expectativas de substituição por IA e sensibilidade a traços “sintéticos”).

As respostas abertas foram examinadas por análise temática em duas etapas: codificação aberta, da qual emergiram rótulos como emoção, conexão, direção, experiência do ensaio, memória, limites da IA, proveniência e transparência; e aglutinação axial em macrotemas que articularam autenticidade/emoção, contrato relacional, IA como apoio e risco de estetização sem experiência, com dupla leitura independente e reconciliação por consenso registrada em um dicionário de códigos.

A amarração interpretativa triangulou achados empíricos com o referencial teórico (autenticidade e memória; técnica, programa e agência; pós-fotografia e IA; percepção e recepção; contrato civil e ética), adotando a noção de “fidelidade experiencial” como eixo para distinguir o valor simbólico da captura real perante a verossimilhança técnica da síntese. Todo

o processamento ocorreu em ambiente de nuvem privado com acesso restrito, sem coleta de dados sensíveis ou identificadores, e os resultados são apresentados apenas de forma agregada e com excertos anonimizados, em conformidade com os princípios de finalidade, adequação, necessidade e transparência previstos na LGPD.

4 ANÁLISE DO OBJETO

Este capítulo integra e interpreta os achados empíricos à luz do referencial teórico, examinando padrões de percepção e preferência do público frente à fotografia tradicional e às imagens sintéticas por IA. A estratégia analítica combina leitura descritiva das distribuições com inferências interpretativas orientadas por conceitos de autenticidade, memória e contrato comunicativo (BARTHES, 1984; SONTAG, 2004; FLUSSER, 1985; FONTCUBERTA, 2016), privilegiando o critério de “fidelidade experiencial” — isto é, as marcas do encontro e da co-presença na produção e recepção das imagens.

4.1 Percepções do público geral sobre fotografia real e imagens de IA

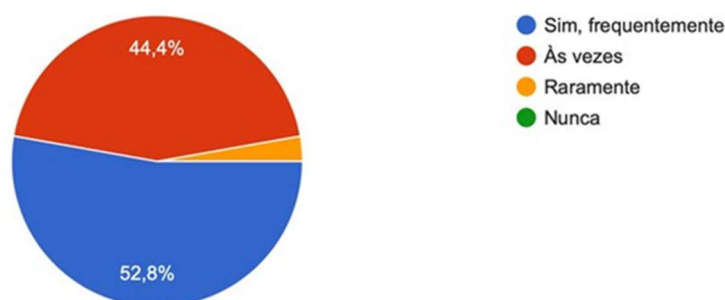
O questionário aplicado ao público geral (n=36) buscou mapear hábitos de consumo de imagens, exposição a conteúdos gerados por IA e critérios de valoração da fotografia tradicional. As respostas, predominantemente de usuários ativos de redes sociais, oferecem um retrato sintético de como leigos informados interpretam autenticidade, emoção e autoria no ecossistema visual contemporâneo.

O ponto de partida é o engajamento: 52,8% afirmam acompanhar conteúdos fotográficos frequentemente e 44,4% às vezes, com apenas 2,8% “raramente” (Gráfico 1). Esse padrão indica letramento visual elevado e ambiente propício para comparações entre captura real e síntese algorítmica.

Gráfico 1: Frequência de consumo de conteúdos fotográficos em redes sociais

Você costuma acompanhar conteúdos fotográficos em redes sociais?

36 respostas



Fonte: Elaboração da autora com base nos questionários aplicados (2025).

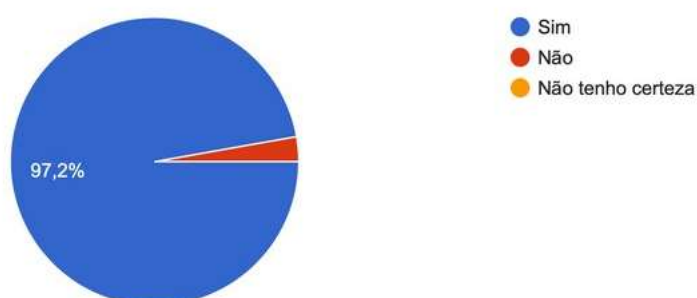
A exposição ao verossímil sintético é praticamente universal: 97,2% já viram imagens geradas por IA que “parecem uma foto real” (Gráfico 2). Isso confirma a normalização do

regime “pós-fotográfico” descrito por Fontcuberta (2016), no qual a aparência pode prescindir do referente.

Gráfico 2: Exposição prévia a imagens de IA com aparência fotográfica

Você já viu alguma imagem criada por Inteligência Artificial que parecesse uma foto real?

36 respostas



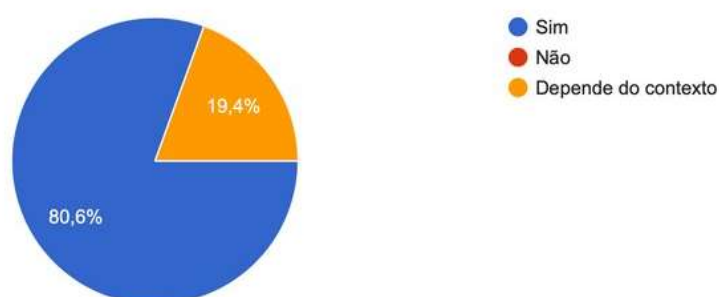
Fonte: Elaboração da autora com base nos questionários aplicados (2025).

Apesar dessa familiaridade, há demanda por transparência: 80,6% consideram essencial saber se a imagem foi feita por fotógrafo ou por IA; 19,4% dizem que “depende do contexto” (Gráfico 3). Tal achado sugere que a autoria permanece um marcador social relevante, alinhado ao “contrato de leitura” da fotografia (SONTAG, 2004).

Gráfico 3: Necessidade de distinção entre fotografia real e imagem gerada por IA.

Você acha essencial saber se uma imagem foi feita por um fotógrafo ou por IA?

36 respostas



Fonte: Elaboração da autora com base nos questionários aplicados (2025).

Quando solicitados a nomear o que mais chama atenção numa fotografia real, prevalecem dimensões experienciais: emoção (63,9%) e naturalidade das expressões (58,3%) superam beleza (50%) e qualidade técnica (36,1%). O dado corrobora a centralidade de punctum e presença (BARTHES, 1984).

A preferência declarada para um ensaio pessoal foi unânime: 100% escolheriam realizar o ensaio com fotógrafo profissional em vez de uma produção gerada por IA. Isso reforça o valor do encontro e da co-presença como ritos de memória e reconhecimento.

Sobre capacidade de transmitir emoção, 55,6% entendem que a IA não alcança a fotografia real; 38,9% admitem um alcance parcial e 5,6% dizem sim. Em termos interpretativos, a vantagem comparativa da fotografia reside na “fidelidade experiencial”, não apenas ótica.

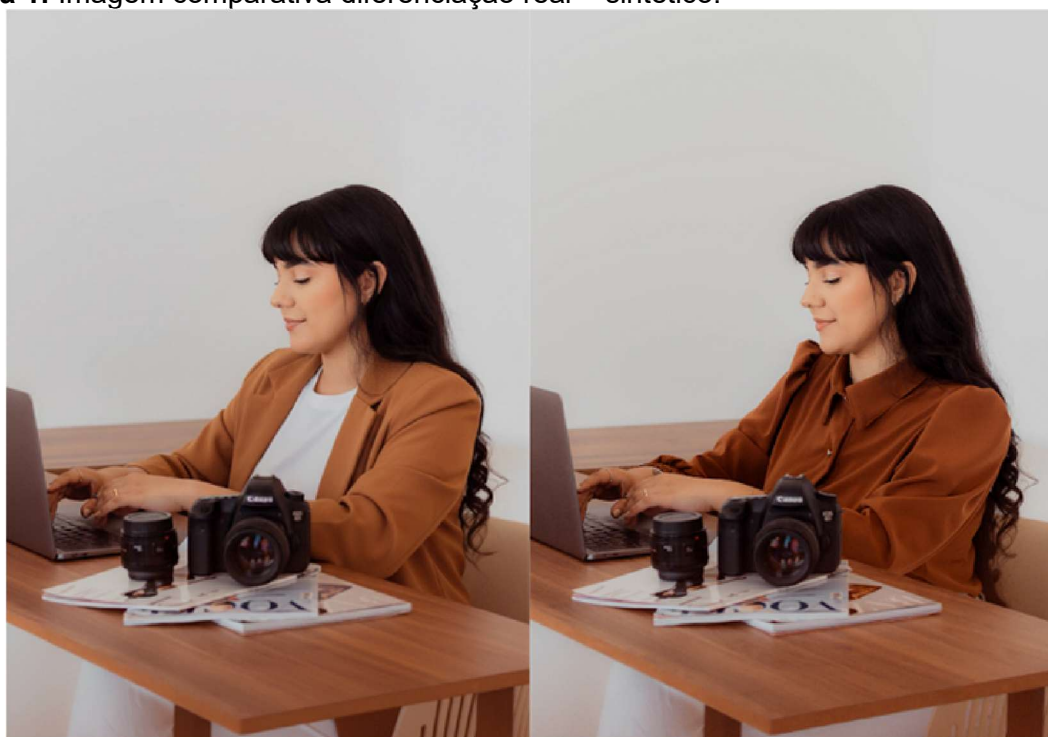
No que cria conexão com o retrato, destacam-se a expressão do fotografado (61,1%) e o olhar do fotógrafo (44,4%), à frente de ambiente (25%). Tais respostas sugerem uma estética relacional, na qual direção, timing e intercorporeidade são decisivos (MERLEAU-PONTY, 2004).

Quando questionados sobre o principal valor do trabalho humano, 52,8% escolheram “todos os anteriores” (registrar momentos reais, contar histórias verdadeiras, transmitir sentimentos), sinalizando percepção integrada de técnica, narrativa e afeto.

A projeção de futuro é majoritariamente otimista quanto à permanência da fotografia tradicional: 72,2% “sim”, 22,2% “talvez” e 5,6% “não”. A leitura mais parcimoniosa aponta para convivência entre regimes de imagem, com reconfiguração — e não substituição — de funções.

A diferenciação real × sintético (figura 1) mostra-se desafiante: 52,8% dizem identificar com dificuldade e 22,2% com facilidade; 19,4% “não têm certeza” e 5,6% “não conseguiriam” (gráfico 4). A forma aproxima-se, mas subsistem traços que permitem suspeitar do modo de produção.

Figura 1: Imagem comparativa diferenciação real × sintético.

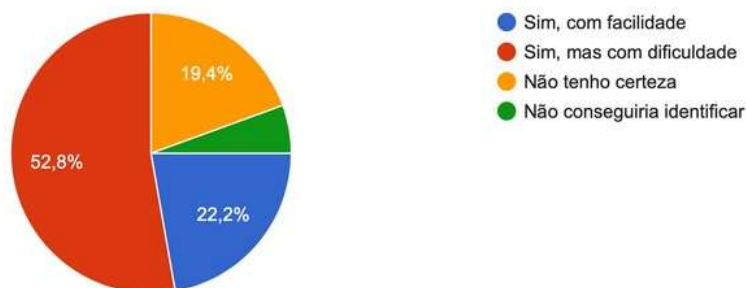


Fonte: Elaboração da autora com base nos questionários aplicados (2025).

Gráfico 4: Necessidade de distinção entre fotografia real e imagem gerada por IA.

Ao observar duas imagens (abaixo) lado a lado (uma feita por IA e outra por um fotógrafo profissional), você acredita que conseguiria identificar qual é qual?

36 respostas



Fonte: Elaboração da autora com base nos questionários aplicados (2025).

Tomados em conjunto, os resultados sugerem que o público opera com dois critérios paralelos: (a) aceitabilidade estética do verossímil (a IA “parece” real) e (b) valor agregado da experiência humana (emoção, expressão, autoria), que orienta escolhas quando a imagem envolve identidade pessoal.

A ênfase em emoção e naturalidade relativiza a primazia da “qualidade técnica” como critério isolado. Em termos flusserianos, o “programa” do aparelho não esgota o gesto fotográfico; a decisão e o olhar instauram sentido (FLUSSER, 1985).

A transparência emerge como eixo ético: saber “quem/como” fez a imagem qualifica interpretação e uso. Isso ecoa o deslocamento do debate de uma “verdade de origem” para uma governança de proveniência e consentimento — especialmente em representações de pessoas.

A unanimidade a favor do ensaio com fotógrafo indica que, diante de escolhas que envolvem memória e autoimagem, o público privilegia processos relacionais. Em linha com Barthes (1984), o valor simbólico do retrato decorre do vínculo com um acontecimento vivido (“isso foi”). A leitura dos itens sobre emoção sugere que a IA atinge verossimilhança formal, porém encontra barreiras na espessura afetiva: a relação fotógrafo–fotografado produz microgestos e expressões contingentes difíceis de simular com densidade equivalente.

As respostas sobre conexão com retratos (expressão/olhar) reiteram a importância da direção de pessoas como competência distintiva. A técnica de luz e composição importa, mas o diferencial percebido reside no manejo da presença e na construção de confiança.

A associação entre fotografia e história/lembança aparece transversalmente, seja na preferência por ensaios, seja na valoração de “registrar momentos reais”. Sontag (2004) lembraria que fotografar é também atribuir sentido ao vivido.

A normalização do verossímil sintético (97,2%) não reduz a importância do saber de origem (80,6%), o que reforça a pertinência de rotulagem/editoriais que distingam captura,

edição e síntese. Em termos práticos, políticas de transparência tendem a alinhar expectativas e usos.

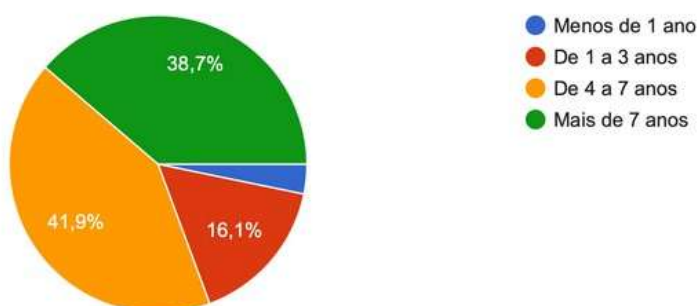
O segmento leigo investigado é altamente exposto e esteticamente exigente: aceita o aperfeiçoamento formal proporcionado pela IA, mas ancora suas escolhas em marcadores de autenticidade experiencial (emoção, expressão, direção, autoria). Para fins deste estudo, os achados sustentam a tese de que a fotografia tradicional preserva relevância estética, simbólica e ética em contextos nos quais a imagem se articula com identidade e memória — tese ilustrada nos gráficos 1–3 e detalhada, com as demais visualizações, no Apêndice.

4.2 Percepções de fotógrafos profissionais sobre captura real e imagens de IA

O questionário com fotógrafos(as) profissionais (n=31) buscou qualificar, a partir da prática, como a categoria interpreta o avanço da IA e quais atributos continuam ancorando a relevância da fotografia de captura. A amostra reúne trajetórias consolidadas e atuação em segmentos nos quais o encontro, a direção de pessoas e a gestão do instante são centrais para a produção de sentido.

O tempo de atuação indica maturidade técnica e estética (gráfico 5): 41,9% trabalham há 4–7 anos e 38,7% há mais de 7 anos; 16,1% têm 1–3 anos e 3,3% estão iniciando. Esse perfil sugere que as respostas se apoiam em repertório acumulado em diferentes regimes técnicos (analogico, digital e, agora, ambientes com IA), o que confere densidade à avaliação sobre mudanças e permanências.

Gráfico 5: Tempo de atuação na Fotografia.
Há quanto tempo você atua na área da fotografia?
31 respostas



Fonte: Elaboração da autora com base nos questionários aplicados (2025).

Quanto ao campo de atuação, predomina a fotografia de eventos sociais (58,1%), seguida de ensaios femininos (16,1%), retratos profissionais (12,9%), fotojornalismo (6,5%) e casais/partos (6,5%). Em comum, são nichos que implicam co-presença, negociação de

sentidos com o fotografado e forte carga afetiva — dimensões que, conforme Barthes (1984), favorecem o surgimento do *punctum* e, segundo Sontag (2004), operam como ritos de memória social.

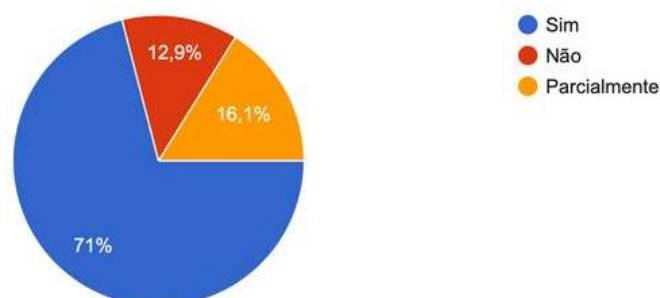
O uso de IA aparece como apoio, não substituição: 41,9% usam “às vezes”, 25,8% “raramente”, 16,1% “frequentemente” e 16,1% “nunca”. A leitura predominante é instrumental (edição, organização, retoques específicos), preservando-se a autoria humana no gesto e na direção. Em termos flusserianos, o “aparelho” (e, por extensão, o software inteligente) amplia o campo de possibilidades, mas não esgota a intencionalidade do fotógrafo (FLUSSER, 1985).

A maioria (71,0%) considera a fotografia tradicional insubstituível (12,9% “parcialmente” e 16,1% “não”) (gráfico 6). O argumento recorrente é que a IA pode simular verossimilhança formal, mas não reproduz a fidelidade experiencial que emerge do encontro situado—coisa, corpo, luz e tempo—e que ancora a confiança e o valor simbólico do registro (BARTHES, 1984; SONTAG, 2004).

Gráfico 6: Insubstituibilidade da fotografia tradicional.

Em sua opinião, a fotografia tradicional ainda é insubstituível?

31 respostas



Fonte: Elaboração da autora com base nos questionários aplicados (2025).

Quanto aos diferenciais percebidos da captura real, sobressaem emoção e autenticidade (61,3%), bem como o registro de momentos reais (61,3%). Técnica e composição (35,5%) e interação com o cliente (25,8%) aparecem como camadas complementares. A hierarquia desses atributos reforça uma estética relacional: não se trata apenas de “parecer real”, mas de ter sido (o célebre “isto foi”), com marcas do acontecimento que excedem a aparência.

Sobre a capacidade do público de distinguir real e síntese, 54,8% avaliam que “às vezes” o reconhecimento ocorre, 38,7% dizem que “com facilidade” e 6,5% que “não consegue”. A forma, portanto, já é suficientemente convincente para produzir ambiguidade, mas os fotógrafos identificam que subsistem pistas (expressões, microgestos, timing,

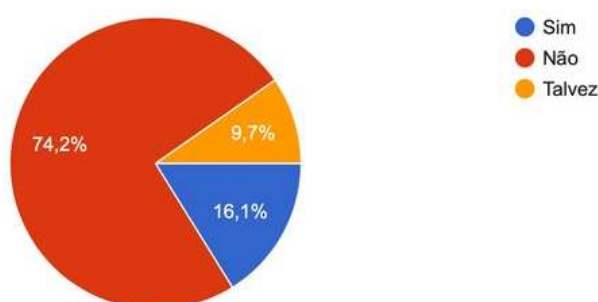
densidade de presença) que permitem suspeitar da origem—coincidindo com a ênfase na experiência vivida como critério de autenticidade.

No tema do futuro do trabalho, 74,2% não temem substituição pela IA (16,1% “sim” e 9,7% “talvez”). Predomina a expectativa de convivência e reconfiguração de funções, com a IA fortalecendo rotinas e ganhos de eficiência, enquanto o fotógrafo concentra energia no que é distintivo: direção, narrativa, relação e decisão estética em contexto.

Gráfico 7: Temor pela substituição da IA ao trabalho do fotógrafo.

Você teme que a IA substitua o trabalho do fotógrafo no futuro?

31 respostas



Fonte: Elaboração da autora com base nos questionários aplicados (2025).

Em termos ético-profissionais, as respostas convergem para a importância de transparência sobre meios de produção (captura, edição, síntese) e gestão de expectativas com clientes. A governança de proveniência aparece como nova competência do ofício, alinhada ao “contrato” social da fotografia (AZOULAY, 2008), especialmente em retratos, eventos e usos comerciais.

Na chave teórico-analítica, os achados com fotógrafos confirmam os eixos da revisão: (a) autenticidade é relacional e situada (BARTHES, 1984; SONTAG, 2004); (b) a técnica amplia e desafia a linguagem, sem abolir a agência (FLUSSER, 1985); (c) a IA radicaliza o verossímil, mas não captura, por si, a espessura do encontro (FONTCUBERTA, 2016); e (d) a leitura social da imagem passa a depender também de protocolos de transparência e consentimento (AZOULAY, 2008).

A categoria profissional adota a IA como ferramenta e reitera a centralidade da presença humana como fundamento do valor simbólico da fotografia de retratos, ensaios e eventos. Nos termos deste estudo, os dados com fotógrafos sustentam a tese da insubstituibilidade funcional da direção e da co-presença na produção de emoção, memória e reconhecimento—dimensões pelas quais o público, afinal, decide.

4.3 Considerações Parciais

A integração das respostas de público e profissionais converge para três eixos do valor da fotografia tradicional: presença humana, emoção e autenticidade relacional. No público, esses elementos orientam preferência e apreciação (emoção, naturalidade, memória); entre fotógrafos, configuram diferenciais competitivos (gesto, direção, encontro presencial). Em termos analíticos, os dados sustentam a insubstituibilidade funcional da captura real, ancorada na sua irreplicabilidade experiencial: a imagem é coautoria situada entre quem fotografa, quem é fotografado e quem vê.

Os resultados reafirmam a fotografia como rito de memória e dispositivo narrativo. Registrar “o que aconteceu” não se esgota na verossimilhança técnica, mas requer fidelidade experiencial (expressões, microgestos, tempo, contexto). Profissionais enfatizam direção e confiança como condições que a síntese algorítmica não reproduz com o mesmo léxico afetivo. Consequentemente, a legitimidade da fotografia real decorre menos da “prova ótica” e mais do contrato social de presença, consentimento e contexto.

Há abertura pragmática à IA como suporte (edição, organização, acabamento), sem substituição da agência autoral. Em ambos os estratos, a IA amplia eficiência e verossimilhança técnica, mas não entrega a significação vivida—aquilo que os respondentes chamam de “alma”, “verdade” e “ligação com a experiência”. A preferência unânime por ensaio com fotógrafo e a crença majoritária na continuidade do ofício indicam não fungibilidade simbólica quando a finalidade envolve identidade, memória e reconhecimento.

Limitações: questionários on-line favorecem perfis habituados à cultura visual digital; amostra por conveniência e foco no Centro-Oeste restringem generalizações; autorrelato implica vieses. Como agenda, recomendam-se comparações regionais e setoriais, entrevistas em profundidade/observação de sessões, blind tests (captura vs. síntese) com controle de estilo/iluminação, estudos sobre rotulagem de IA e confiança/disposição a pagar, e métricas de experiência em fluxos híbridos. Em síntese, a autenticidade fotográfica é relacional e situada: a IA pode simular aparências e otimizar processos, mas não substitui, nos contextos estudados, a fidelidade experiencial que ancora a fotografia como linguagem humana, afetiva e memorativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi entender por que a fotografia clássica ainda é valorizada em meio ao crescimento da inteligência artificial na criação e manipulação de imagens. A partir da análise dos dados coletados nos questionários aplicados ao público e aos fotógrafos, foi possível identificar aspectos que ressaltam a necessidade da presença humana, da emoção e da autenticidade na criação de narrativas visuais reais. Esses resultados estão intimamente relacionados à fundamentação teórica que sustentou o trabalho e são capazes de elucidar os objetivos propostos.

O geral, que era averiguar os elementos que asseguram a continuidade da fotografia tradicional como uma linguagem visual legítima em comparação com as imagens geradas por IA, foi plenamente atingido. Os resultados revelam que tanto o público quanto os fotógrafos identificam na fotografia real valores que vão além do técnico, ressaltando a emoção, a conexão humana e o registro de momentos genuínos como aspectos fundamentais que a inteligência artificial ainda não consegue reproduzir com precisão.

Os objetivos específicos foram alcançados também. No primeiro estudo, que tinha como objetivo descobrir quais são os elementos estéticos e sensoriais da fotografia tradicional, ficou claro que o público aprecia a emoção que a imagem transmite, a naturalidade dos sorrisos e a autenticidade do registro. O segundo objetivo, que visava entender como a memória e a emoção influenciam a percepção das imagens reais, foi validado pela ênfase do público na relevância de momentos vividos e emoções autênticas. Já o terceiro objetivo, que buscava investigar como os fotógrafos percebem a real captura, apontou que os profissionais valorizam a experiência do ser humano, a sensibilidade emocional e o olhar criativo como diferenciais indispensáveis.

Por fim, o quarto objetivo, que pretendia refletir sobre as consequências culturais e artísticas da persistência visual da fotografia tradicional, foi respaldado pelos dados que mostram o reconhecimento da fotografia como um meio de conservar a memória, a identidade e a experiência.

Os resultados práticos da pesquisa indicam que a fotografia tradicional ainda desempenha um papel crucial na criação de imagens que comunicam significado, verdade e emoção. Profissionalmente falando, isso indica que fotógrafos que priorizam a direção, a conexão e a autenticidade têm mais chances de se destacar em um mercado que se torna cada vez mais tecnológico. Para empresas, marcas e criadores de conteúdo, os resultados apontam que fotografias reais ainda são mais eficazes para transmitir credibilidade, emoções e narrativas autênticas, especialmente em áreas como ensaios pessoais, retratos, eventos e construção de identidade visual.

Entre as limitações do estudo, está o recorte geográfico restrito e a metodologia de aplicação de questionários online, o que pode comprometer a representatividade dos dados. A natureza subjetiva das respostas pode impactar a forma como os resultados são interpretados, já que as percepções pessoais variam conforme as experiências de vida, a idade e o grau de familiaridade com a tecnologia de cada um.

Para futuras investigações, sugere-se que o estudo seja ampliado para outras áreas geográficas, que sejam realizadas entrevistas mais detalhadas com fotógrafos e consumidores e que se investigue como são recebidas as imagens híbridas, que mesclam fotografias reais com elementos gerados por IA. Seria interessante investigar como o desenvolvimento das ferramentas de inteligência artificial poderá influenciar a educação de novos fotógrafos e o comportamento do público em relação à crescente presença de imagens geradas por computador.

Em outras palavras, a pesquisa demonstra que a fotografia clássica ainda é insubstituível porque carrega aquilo que a inteligência artificial não consegue reproduzir: a intenção do fotógrafo, a experiência do momento e a tradução de emoções genuínas para a imagem. Portanto, a fotografia tradicional ainda é indispensável, não só como técnica, mas como autêntica expressão da experiência humana, reforçando seu papel na preservação da memória e da identidade em um mundo cada vez mais mediado pela tecnologia.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZOULAY, Ariella. **The Civil Contract of Photography**. New York: Zone Books, 2008.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura** (Obras escolhidas, v. 1). 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2012.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1985.

Fontcuberta, Joan. **A fúria das imagens: notas sobre a pós-fotografia**. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57–63, mar./abr. 1995.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Formulário de Pesquisa para público geral

1. Você costuma acompanhar conteúdos fotográficos em redes sociais?
☐ Sim, frequentemente
☐ Às vezes
☐ Raramente
☐ Nunca
2. Você já viu alguma imagem criada por Inteligência Artificial que parecesse uma foto real?
☐ Sim
☐ Não
☐ Não tenho certeza
3. Você acha essencial saber se uma imagem foi feita por um fotógrafo ou por uma IA?
☐ Sim
☐ Não
☐ Depende do contexto
4. O que mais chama sua atenção em uma fotografia real?
☐ A emoção transmitida
☐ A qualidade técnica
☐ A beleza da imagem
☐ A naturalidade das expressões
5. Se tivesse que escolher um ensaio pessoal, qual opção você preferiria?
☐ Ensaio com fotógrafo profissional
☐ Ensaio gerado por Inteligência Artificial
☐ Não saberia escolher
6. Você acredita que uma imagem feita por IA pode transmitir emoção da mesma forma que uma fotografia real?
☐ Sim
☐ Não
☐ Parcialmente
7. Quando você vê um retrato, o que mais te faz sentir conexão com a imagem?
☐ A expressão da pessoa fotografada
☐ O olhar do fotógrafo
☐ O ambiente retratado
☐ A naturalidade da cena
☐ Se for um retrato meu, lembrar do momento em que foi feito
☐ Outro: _____
8. Na sua opinião, qual é o principal valor da fotografia feita por um profissional humano?
☐ Registrar momentos reais
☐ Contar histórias verdadeiras

- ☐ Transmitir sentimentos
 - ☐ Todos os anteriores
9. Você acredita que a fotografia tradicional continuará sendo valorizada no futuro?
- ☐ Sim
 - ☐ Não
 - ☐ Talvez
10. Em uma palavra, o que representa a fotografia real para você?
- Resposta curta: _____
11. Você acredita que conseguiria diferenciar uma imagem feita por IA de uma fotografia real?
- ☐ Sim, com facilidade
 - ☐ Sim, mas com dificuldade
 - ☐ Não tenho certeza
 - ☐ Não conseguiria
12. Ao observar duas imagens (abaixo) lado a lado (uma feita por IA e outra por um fotógrafo profissional), você acredita que conseguiria identificar qual é qual?



- ☐ Sim, com facilidade
- ☐ Sim, mas com dificuldade
- ☐ Não tenho certeza
- ☐ Não conseguiria identificar

APÊNDICE B – Formulário de Pesquisa para fotógrafos

- 1) Há quanto tempo você atua na área da fotografia?
 - ☐ Menos de 1 ano
 - ☐ De 1 a 3 anos
 - ☐ De 4 a 7 anos
 - ☐ Mais de 7 anos
- 2) Qual é o seu principal segmento de atuação?
 - ☐ Ensaios femininos
 - ☐ Ensaios de família
 - ☐ Eventos sociais (casamentos, aniversários etc.)
 - ☐ Retratos profissionais
 - ☐ Fotojornalismo
 - ☐ Casais e partos
- 3) Você utiliza ferramentas de Inteligência Artificial no seu processo fotográfico (edição, composição, geração de imagem etc.)?
 - ☐ Sim, frequentemente
 - ☐ Às vezes
 - ☐ Raramente
 - ☐ Nunca
- 4) Em sua opinião, a fotografia tradicional ainda é insubstituível? (múltipla escolha – 1 resposta)
 - ☐ Sim
 - ☐ Não
 - ☐ Parcialmente
- 5) O que você considera o principal diferencial da fotografia real em relação às imagens criadas por IA?
 - ☐ Emoção e autenticidade
 - ☐ Técnica e composição
 - ☐ Interação com o cliente
 - ☐ Registro de momentos reais
 - ☐ Essência, entrega, comunicação etc.
 - ☐ A experiência do cliente
- 6) Você acredita que o público consegue diferenciar uma foto real de uma imagem gerada por IA?
 - ☐ Sim, com facilidade
 - ☐ Às vezes
 - ☐ Raramente
 - ☐ Não
- 7) Você teme que a IA substitua o trabalho do fotógrafo no futuro? Justifique brevemente a sua resposta anterior.
 - ☐ Sim
 - ☐ Não
 - ☐ Talvez

- 8) Que palavra melhor define, para você, a essência da fotografia tradicional?
- 9) Você acredita que a fotografia tradicional ainda terá relevância daqui a 10 anos?
- ☐ Sim, com certeza
 - ☐ Sim, mas com adaptações
 - ☐ Não sei dizer
 - ☐ Provavelmente não
- 10) Em sua visão, qual é o maior valor da fotografia feita por um profissional humano?
- ☐ O olhar criativo
 - ☐ A sensibilidade emocional
 - ☐ A capacidade técnica
 - ☐ A conexão humana com o retratado.